"A HISTÓRIA DO CEARÁ: PLANO PARA A SUA ELABORAÇÃO" (Notas, comentários e sugestões)

Paulo Elpídio de Menezes Neto

"Só nos domina o preconceito da Verdade"
Thomaz Pompeu Sobrinho

Registra Thomaz Pompeu Sobrinho na abertura de **"História do Ceará: Plano para a sua elaboração"**, publicado na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Tomo LX – Ano LX, de 1946, a decisão tomada na sessão de 20 de dezembro de 1938, em decorrência da qual "esta velha sociedade cultural tomaria a si o grave e sério encargo de escrever e editar uma História do Ceará". Embora já conhecida antes da sua investidura na Presidência do Instituto, a apreciação da proposta de Thomaz Pompeu Sobrinho sofreria seguidos adiamentos até a sua adoção como **Programa** definitivamente estruturado, em 20 de agosto de 1941. A edição da primeira monografia, das 26 que comporiam a obra, dar-se-ia somente em 1946, a de número 4, precisamente a "Proto-Histórica Cearense", da autoria de Thomaz Pompeu Sobrinho.

A versão inicial do Projeto incorporou algumas mudanças em virtude das alterações ocorridas no quadro social sendo "acrescido, recomposto e integrado". Refere Pompeu Sobrinho que "conseqüentemente, a distribuição dos trabalhos ficou alterada e pede adequada reconstituição". Tornou-se, assim, indispensável a revisão do "arranjo e do inventário da matéria e acertar as providências preliminares, ten-

dentes à execução prática da obra".

Transparece no texto a preocupação do autor em "lembrar as idéias que orientaram a organização do **Programa** e devem presidir à dos trabalhos". Examinaremos, de início, algumas questões suscitadas, que buscam situar os objetivos da pesquisa histórica e os procedimentos de ordem metodológica, na perspectiva da execução do trabalho proposto.

Pompeu Sobrinho representa uma síntese inetelectual incomum, em sua época, de homem de Ciência e de Humanista. Aliou, com erudição e probidade, com equilíbrio e isenção, na justa proporção da percuciência do Sábio, a utilização dos instrumentos quantitativos de avaliação e mensuração dos fenômenos da natureza à observação atenta e cuidadosa dos fatos sociais, da Terra e do Homem cearenses. A sua contribuição para os estudos históricos no Ceará ocupa plano destacado na nossa historiografia – abriu novas vias de abordagem e aprofundou a compreensão de um período pouco conhecido da História regional, aquele que se estende pelas vésperas da colonização. Sem abandonar-se às tentações de um cientificismo iluminista que seduzia a **intelligentsia** do seu tempo, reconhecia, contudo, Pompeu Sobrinho que o "conhecimento concatenado, conexo e científico do passado pode alcançar alguma claridade..." e "... permitir uma melhor e mais eficiente compreensão do presente".

Toda e qualquer análise histórica que despreze as íntimas relações que se desenham entre as ações dos homens e o meio físico em que vivem é parcial, incompleta e destituída de fundamentação científica, segundo Pompeu Sobrinho. "Não existe e não pode existir fenômenos social ou histórico que se não processe num espaço geográfico", afirma. E conclui: "Sendo o fenômeno histórico a resultante vetorial e não escalar das componentes essenciais – meio cósmico-geográfico, meio social e meio biológico – importa ao historiador que deseja fazer realmente história e não simples narração, crônica ou relatório, determinar previamente a orientação geral de cada uma destas componentes ou funções, definindo-lhe, tão aproximadamente quanto possível, a direção, o sentido, a extensidade e a intensidade".

A importância das **"démarches"** científicas na pesquisa e na análise dos fatos históricos não revestia, para Pompeu Sobrinho, a visão comtiana das ciências do mundo físico, esquema prestigioso sobre o qual se fundamentava todo conhecimento autêntico que levasse, apoiado por demonstrações irrefutáveis à formulação de leis universais. Reconhecia, entretanto, o valor insubstituível do ordenamento sis-

temático dos fatos, explicados à luz dos condicionantes do meio físico e social. Recusa sujeitar-se às influências das correntes sistematizadas "que têm guiado os historiadores dos nossos dias". Insurge-se contra as tendências crescentes de indiferenciação dos fatos sociais e históricos, identificando uma invasão inaceitável, a seu ver, da sociologia no campo da história. Por essa razão, elege outros caminhos que não os da **New History** como balizador do seu trabalho e do seu **Programa.** Nega, finalmente, a História transformada em instrumento de justificação do marxismo, por constituir-se formas perigosas, "com as quais se viciam ou mistificam acontecimentos importantes do passado, e portanto, impossibilitam a conexão necessária e lógica dos fenômenos históricos".

A perspectiva que anima Pompeu Sobrinho e o conduz à definição dos contornos do seu **Programa** desenvolve-se a partir de uma visão objetiva da necessidade de compreensão dos fenômenos históricos e dos seus numerosos condicionantes. Para ele, importa trilhar "caminho mais compatível com as circunstâncias que nos são próprias; queremos um adequado arranjo entre a análise, as pesquisas fragmentárias e profundas dos fatos e a síntese – construtiva e panorâmica".

Os objetivos do **Programa**

1. "Codificar todos os conhecimentos relativos à história cearense, muitos dos quais andam por aí dispersos, sendo que alguns se tornam cada dia de mais difícil e trabalhosa consulta";
2. "Enriquecer este acervo com novos elementos, fatos inéditos, mediante investigações pessoais";
3. "É necessário apertar os elos da corrente. Parece lógico que isto não basta, e nem nos satisfaz. Queremos evitar obra puramente mecânica, secamente material e, portanto, impessoal. Importa dar ao trabalho a marca do **Instituto,** o cunho próprio da época e da cultura moderna e o estigma pessoal de cada colaborador";
4. "Parece não comportar controvérsia a necessidade de dar ao trabalho de cada um diretrizes que levem ao conjunto da obra certos traços gerais uniformes, uma estrutura homogênea e harmônica";

5. "A explicação que daremos dos fenômenos, cuja seqüência constitui a nossa história, será a determinação, tão completa como possível, das variáveis de que cada um depende";
6. "Se não acertarmos regras práticas de orientação comum, ficaremos expostos ao perigo de arquitetar um edifício, sem estilo, um conjunto desarticulado, um produto indisciplinado e irredutível àquela superior unidade que caracteriza e valoriza as obras coletivas bem planejadas".

Resultados esperados

"Racionalmente orientar o nosso comportamento de historiadores e pesquisadores abrindo e limpando o caminho às tendências criativas e evolutivas".

Sugestões quanto ao conteúdo e ao estilo

1. "... na exposição e comentários dos fatos teremos de banir as formas convencionais, os quadros espetaculosos, as expressões pomposas, as frases sem imediata significação, os lugares comuns, o sentido ambíguo, as repetições tautológicas...";
2. "O estilo que se recomenda não comporta, naturalmente, muita elevação, há de ser simples, despretencioso e conciso, todavia sem descambar para a fatigante monotonia dos relatórios";
3. "O exame das fontes com minudente atenção e espírito crítico não pode ser esquecido";
4. "Cumpre que estejamos alertas quanto a certas fraquezas que por vezes nos assaltam insidiosamente, fraquezas que poderiam, em dada emergência, prejudicar a cristalina limpidez dos nossos trabalhos";
5. "Na deficiência de informações que esclareçam a compreensão dos fatos e o seu lógico encadeamento, deixaremos as lacunas abertas, porém, precisaremos com o possível rigor os seus limites";
6. "Controlar qualquer hipótese que devamos formular (...) é submetê-la a severas verificações que dão a medida do seu valor, o grau da sua perfeição ou a razão da sua imprestabilidade".

O **Instituto** e o **Programa**

"Em poucas palavras – o que deseja o **Instituto** é uma exaustiva **historiografia cearense,** tanto quanto possível explicada, criteriosa e solidamente ligada à terra. Quer uma hábil ressurreição da vida passada, uma justificação sistemática e expressiva, embora nem sempre acabada, mas sincera, da conduta do agregado humano que ocupou, se instalou e se desenvolveu na gleba cearense. Quer uma inteligência lúcida das nossas atividades pretéritas".

O **Programa,** como paradigma de um trabalho coletivo, deve conciliar os aspectos de uma estrutura bem elaborada, coerente e articulada nos seus elementos formais, refletindo orientação comum, sem, todavia, colidir com a expressão individual das monografias. Segundo Pompeu Sobrinho, "compreende-se que o plano fundamental exige uma explicação" que permita a cada colaborador dirigir facilmente:

"1. Os seus esforços de pesquisa;
2. A coordenação dos novos elementos, por ventura coligidos;
3. O seus comentários e apreciações;
4. As suas hipóteses;
5. A disposição da matéria; e finalmente,
6. A exposição e redação, de modo que o trabalho se revele sistematicamente bem proporcionado dentro dos seus limites e ajustado ao conjunto que se deve apresentar, tanto quanto possível, sincrética e equilibradamente constituído".

Comentários

As grandes mudanças e transformações que o estudo e a análise históricos sofreram em um século, das influências positivistas dos anos 1880 às revoluções ideológicas dos começos dos novecentos, desencadearam reações cujos efeitos se refletem em uma multiplicidade de correntes e tendências filosóficas, sociológicas, econômicas e políticas contemporâneas. Alguns fatores dessas transformações e suas conseqüências sobre o sistema histórico podem ser analisadas. Dentre os principais fatores de transformação, pode ser incluído o **processo de politização,** a que estão sujeitos os próprios historiadores e as instituições que se integram no **sistema de produção** da história. O princípio da objetividade da história, tão caro a muitos pensado-

res, não passa, a rigor, de um mito, lembra Georges Duby [1]. "Fomos progressivamente descobrindo que a objetividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história é escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio". Todo historiador pertence a um grupo, tem fidelidades com determinadas idéias ou correntes intelectuais, quando não se filia e se submete à disciplina imposta das ideologias ou dos interesses pessoais. O esforço que a história exige de quem a estuda é o de "compreender", antes de submeter-se ao impulso de "julgar". Entre os apelos, com os quais convive o pesquisador da história no seu labor cotidiano, termina por predominar aquele que lhe fala à alma e à sua paixão. A **influência da sociologia** cresceu a partir da Durkheim e da sociologia alemã, em função das questões que submeteu à apreciação dos historiadores, numa intenção clara de descobrir no passado a regularidade dos fenômenos, suscetíveis de caracterizar **leis sociais.** As **influências do pensamento marxista,** ao lado das grandes revoluções recentes (industrial, tecnológica, eletrônica...), induziram formas explicativas comprometidas com um instrumental de análise desenvolvido a partir de metodologia própria, cujo interesse privilegia os movimentos sociais, os movimentos operários, o papel das massas nos períodos revolucionários...

Parece, assim, natural, a reação, de inspiração marxista, mas também originada no pensamento que deu forma à Escola dos Anais, por volta de 1929, na França. A **História Nova** já afirmava que a história profunda, aquela das mudanças duráveis é indiferente "à cronologia fina das fronteiras políticas" [2]. As reações contra a **historia-historicista,** a **história-batalha,** a **história acontecimental** refletem a insatisfação, que se generalizou entre cientistas sociais e historiadores, em relação a certas abordagens destituídas de preocupações sociais, econômicas e políticas que reduzem a análise histórica a simples registros, depoimentos ou narrativas desprovidas de senso crítico.

Vimos, assim, crescer o prestígio de numerosos **gêneros** ou de uma **tipologia** específica da história e uma produção de excelente qualidade, tais como a **história do cotidiano,** uma **história das mentalidades,** uma **história do imaginário coletivo...**

Afinal, acreditava Michelet, o objetivo da história é por natureza o

---

[1] Georges Duby – "História e Nova História", Teorema, Lisboa, pág. 7.

[2] Charles-Olivier Carbonell – "L'Historiographie", PUF, Paris, pág. 109.

homem. Os homens, diria Marc Bloch, acrescentando: "Mais do que singular, favorável à abstração, convém a uma ciência da diversidade o plural, que é o modo gramatical da realidade. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente mais glaciais e das instituições, aparentemente mais distanciadas dos que as elaboram, são exatamente os homens que a história pretende apreender" [3].

Sugestões

Ao enfatizar a precedência que atribuia ao "adequado arranjo entre a análise, as pesquisas fragmentárias e profundas dos fatos, e a síntese – construtora e panorâmica", Pompeu Sobrinho defendia uma "atitude científica" em relação aos fenômenos históricos e às suas vertentes naturais, físicas, ambientais, econômicas, sociais, psicológicas e políticas, sem, entretanto, perder de vista os aspectos profundos que fazem do homem o objetivo primeiro da história.

A proposta de um rol de monografias como **Programa** para a elaboração de uma História do Ceará, tal como o fez Pompeu Sobrinho permanece atual, decorridos 50 anos da sua aprovação.

Cabe, naturalmente, a ampliação do leque de possibilidades, o desdobramento dos temas sugeridos sobretudo no que diz respeito aos itens relacionados com o que se convencionou chamar de **histórias autônomas.**

O aprofundamento de alguns temas relevantes, como a vida política e a influência das idéias na formação de um pensamento representativo (magistério, imprensa, instituições culturais, etc.), poderá apresentar resultados estimulantes, do ponto de vista da pesquisa e da produção históricas.

Quanto às monografias de número I a VII (estudam o meio físico, o homem e o meio social, através do tempo, numa larga síntese), sugere-se o desdobramento de alguns temas, de modo que questões e fatos relevantes possam ter o necessário destaque. A propósito, valeria lembrar, alguns movimentos políticos ou sociais cujas repercussões foram notórias para a História do Ceará: a Abolição da Escravatura, os movimentos pela Independência, dentre outros. Alguns movimentos

---

[3] Marc Bloch – "Introdução à História", Europa/América, Lisboa, pág. 29.

sociais mais recentes, que datam do período republicano incluem-se nesse meio: sindicalização, relações sociais no campo...

Quanto às monografias de número VIII a XXVI (de caráter analítico, destinados ao estudo particularizado de todas as grandes manifestações humanas, tomadas, tanto quanto possível, isoladamente, com o fim de facilitar a fixação dos trabalhos), sugere-se a inclusão dos seguintes títulos:

História Política;
História Religiosa (incluindo-se os ritos afro-brasileiros);
História da Música;
História da Medicina; e
História das Idéias.

Propõe-se, ainda, a substituição do título "A história da instrução e da educação – pública e particular" por "A história da Educação", mais completa e abrangente.

A elaboração de um "Atlas Histórico" dever-se-ia incluir em uma **Programação** editorial, ao lado das Monografias; o mesmo devendo ocorrer com a edição de um "Atlas Lingüístico", empreendimento com o qual está envolvida a Universidade Federal do Ceará e com o qual poderia o **Instituto** associar-se.

As propostas constantes destas Notas pretendem servir de estímulo a uma ampla discussão do **Programa,** como procedimento capaz de motivar e envolver os sócios do Instituto, comprometendo-os com a continuidade editorial das monografias.

Ao submeter estas apreciações à Diretoria do Instituto e aos ilustres consócios, sugere o signatário a constituição de um grupo de trabalho ao qual possa atribuir-se a tarefa de uma revisão cuidadosa do **Programa,** para a inclusão de novas monografias ou o desmembramento das inicialmente previstas.

Fortaleza, 5 de fevereiro de 1991.

Monografias Editadas

Monografia 3 – Pompeu Sobrinho – Pré-história Cearense (1º V), 1955.

Monografia 4 – Pompeu Sobrinho – Proto–História Cearense (1946).

Monografia 12 – Raimundo Girão – História Econômica do Ceará (1947).

Monografia 15 – Eusébio de Souza – História Militar do Ceará (1950).

Monografia 18 – Dolor Barreira – História da Literatura Cearense (Vol. 1 – 1948; Vol. 2 – 1951; Vol 3 – 1954; Vol. 4 – 1962).

Monografia 22 – Plácido Aderaldo Castelo – História do Ensino no Ceará (1970).

Monografia 23 – Joaquim Alves – História das Secas (1º Vol. – 1953).

Monografia 23 – Pompeu Sobrinho – História das Secas (2º Vol. – 1953).

Comunicação apresentada em plenário por solicitação da Presidência

ESCLARECIMENTO

Atendendo a solicitação da Presidência, em cujo exercício encontrava-se o consócio Mozart Soriano Aderaldo, apresentei à superior consideração da Diretoria e do Plenário as conclusões a que chagara do exame da estrutura orgânica e editorial da **Revista.** Das sugestões formuladas em documento distribuído entre os sócios do Instituto, merecem o devido destaque a inclusão no corpo da publicação de uma Monografia e de uma secção através da qual deveriam veicular-se as **Recensões** (ou resenhas), registro crítico de um texto dado à divulgação, a exemplo do que fazem os periódicos mais importantes de natureza científica ou cultural.

A palavra **Recensão** suscitou dúvidas quanto a sua correção, motivando indagações, amparadas por respeitável erudição, quanto a sua origem e à correta acepção em que fora empregada.

Cuidei por bem, com a intenção de dirimir equívocos ou mal-entendidos, em oferecer à erudita assembléia dos sócios desta respeitá-

vel Casa algumas informações:

A palavra **Recensão** foi empregada no texto do Projeto Editorial, trazido à apreciação do Instituto, como equivalente a registro crítico de artigo ou livro editado; nesta acepção, **Recensão** traduz esforço que se sobrepõe ao da elaboração de uma **Resenha,** por não tratar-se de um simples relato, ainda que minucioso, ou enumeração por partes. Este é o sentido atribuído à palavra **Recensão** por um grande número de periódicos especializados em questões científicas, filosóficas ou assemelhadas em circulação no País.

Registra o "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa":

Recensão | ... | "3. Apreciação breve de um livro ou de um escrito; resenha".

O "Dicionário Prático Ilustrado", de Jaime Séguier (1986):

Recensão. "Exame crítico de uma obra".

Antônio Houaiss – "Elementos de Bibliografia", Editora Hucitec, Instituto Nacional do Livro, São Paulo, 1983.

"Recensão, como conceito ecdótico, que não deve ser confundido com 'recensão', conceito de crítica, noticiário ou informação literários relacionados com o aparecimento de um livro". (pág. 227).

"Uma recensão crítica de certos aspectos desse projeto – aspectos conexos na maioria dos casos com as questões ventiladas neste livro – pode ser lida em trabalho do autor" (pág. 11 do 2º volume).